





# Ancestralidade e Sexualidade

por Fernanda Gonçalves

É muito comum, ao nos referirmos a sexualidade, usarmos a palavra Tabu. Isso porque os princípios do cristianismo, que prega a abstinência e o sexo como sagrado que deve ser feito apenas dentro do matrimônio, e do modelo heteronormativo são amplamente conhecidos e divulgados como modelo a ser seguido por todos.

Olhar para a sexualidade é também olhar para nossa ancestralidade e percorrer o caminho de nossa história. Os povos indígenas não veem o desenvolvimento da sexualidade como os colonizadores. O tornar-se homem e tornar-se mulher percorre outros caminhos. Ailton Krenak nos diz que não devemos perguntar a uma criança o que ela quer ser quando crescer, mas do que ela gosta agora. Assim, a sexualidade é construída à medida que crescemos e nos tornamos senhores de nós mesmos. Não há um papel pré-estabelecido de como é ser homem ou ser mulher.

A própria sexualização dos corpos é fluída, ou pelo menos, era. Ver o outro sem roupa, andar nu, dormir ao lado de alguém pelado, nada disso era sexualizado. Ainda é comum que pais e filhos durmam no mesmo quarto sem roupa. As relações sexuais, por conseguinte, são praticadas em outro lugar, onde não estejam em presença da criança. Não podemos chamar isso de inocência, mas de construção cultural. Um corpo é apenas um corpo e não um objeto ou meio de obter prazer. O outro está nu por seu conforto e

não para mexer com meus sentidos. É o natural, todos veem apenas corpos comuns e naturais.

Aqui é importante dizer que as divisões dos trabalhos pela sexualidade, como vemos nos livros didáticos, são as visões do colonizador e servem para passar a ideia de uma divisão binária do trabalho entre os povos originários.

Entre os Tupiniquins das comunidades de São João (atual Trancoso) e Imbiriba (hoje Comunidade Tonheira), a sexualidade era vista de maneira diferente, não havia tantas restrições ao ser mulher e ser homem. O casamento era uma demonstração do amor, mas não precisava ser eterno. A homossexualidade não era demonizada. Infelizmente, com a entrada da fé cristã nas aldeias os homossexuais começaram a receber olhares tortos.

Ainda assim, os nativos trancosenses são considerados fora da curva, falam abertamente de sexo e não tem medo das palavras associadas aos órgãos. As mulheres, como D. Bernarda e D. Lora falam abertamente sobre o quanto namoraram em sua juventude, sobre as festas e sobre a liberdade que exerciam sobre seus corpos.

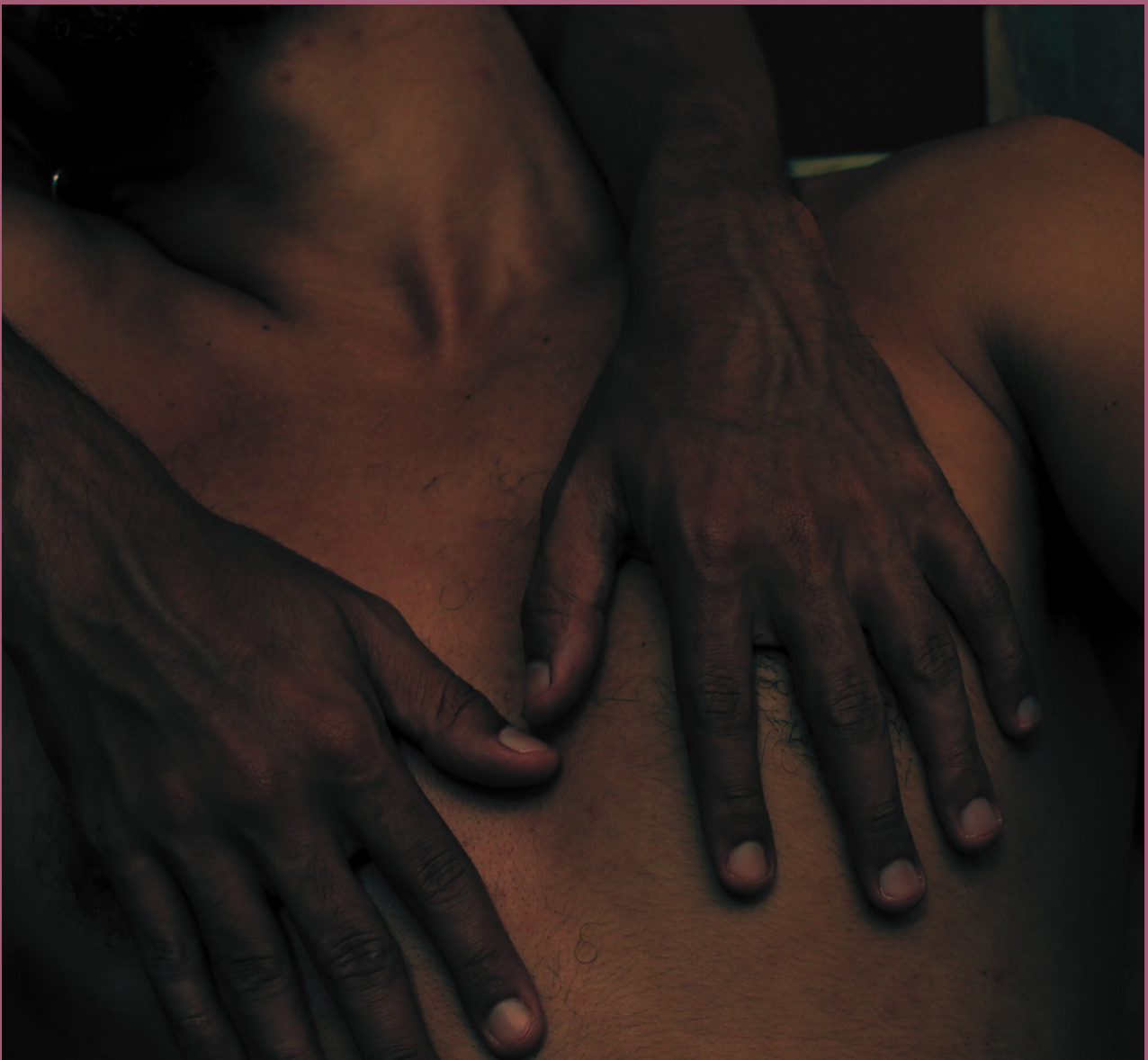
Há alguns trabalhos sobre a relação dos indígenas e da homossexualidade. O assassinato do parente Tupinambá, em 1614 no Maranhão, é um marco no que diz

respeito à heterossexualização compulsória e que ainda é vista em nossos dias. Muitos não concebem a ideia do “índio gay”, mas reafirmo aqui que originalmente havia liberdade de ser quem realmente se era.

Além da heterossexualização compulsória, a monogamia também foi inserida de forma forçada aos povos originários. Não era incomum a poligamia e não havia a centralização no casal. É preciso entender a participação do Capital nesse processo.

Buscar a nossa história pessoal e coletiva e entender as razões dos atuais "princípios sociais" que temos hoje. Eu, enquanto mulher, indígena e bissexual, encaro o estudo da sexualidade x ancestralidade libertador.

Para mim, foi motivo de lágrimas quando li que entre os tupiniquins não havia discriminação pela orientação sexual de ninguém. Conhecer nossa história é libertador!



*Fotografia cedida por Carlos Pereira., Fotógrafo: Heitor Neto, 2018.*